

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POR UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM FAVOR DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Jéssica Alves Rodrigues
Graduanda, discente UEG/Campus Goiás

Cesar Augusto de Oliveira Casella
Mestre, Professor UEG/Campus Goiás

RESUMO: O presente trabalho se trata do recorte de uma pesquisa etnográfica maior, feita como monografia de graduação, e tem por objetivo trazer uma reflexão sobre algumas das contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa, baseando-se em alguns conceitos e metodologias dos autores e pesquisadores Stella Maris Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno, os quais foram utilizados como principal base teórica para a referida pesquisa. Inicialmente, esta comunicação apresenta alguns dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, mostrando que sua concepção de 'língua' e de 'erro' deslocou a visão tradicional destas noções, postulando-se o desenvolvimento, em sala de aula, de uma Pedagogia Culturalmente Sensível. Na sequência, mostra-se quais são os aspectos relevantes da Pedagogia da Variação para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, ressaltando-se as contribuições desta subárea da Sociolinguística para a prática docente, e se apresenta uma breve análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), com a finalidade de verificar qual é o papel oficial da escola no ensino de Língua Portuguesa. Ao final, apresenta-se e analisa-se, ainda que com resultados parciais, uma sequência didática – montada sobre os pressupostos variacionistas aventados acima – efetivamente aplicada em aulas ministradas em uma turma de 3º ano do ensino médio no Colégio de Aplicação Professor Manoel Caiado, localizado na cidade de Goiás-GO.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Pedagogia da Variação. Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas brasileiras têm sido, tradicionalmente, uma prática pautada quase que exclusivamente nas normas prescritas pela gramática tradicional, que reprova quaisquer manifestações linguísticas que não estejam de acordo com uma norma culta idealizada da língua portuguesa, restringindo, assim, a capacidade dos alunos de compreender de forma mais abrangente a língua e toda sua pluralidade sociocultural. Além disso, esse ensino gramatical trata a língua como um conjunto autônomo e abstrato de palavras e de combinações sintáticas que são classificadas de acordo com noções equivocadas de “certo” e “errado”, o que, geralmente, contribui para que professores abordem de maneira equivocada a variação linguística

dos alunos, apontando usos frequentes e regulares como “erros” da língua, imaginando atuar em favor do prestígio de uma norma padrão idealizada.

Por isso, com base nessas constatações e a partir de aulas ministradas na turma A de 3º ano do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação Prof. Manoel Caiado, investigou-se como a variação linguística é abordada e trabalhada em sala de aula, buscando observar quais são as atitudes e interferências que ocorrem quando o assunto é variação linguística, e como isso reflete na aprendizagem do aluno. Desta maneira, pretendemos mostrar que a perspectiva de ensino chamada de pedagogia da variação linguística, contraposta a educação tradicional em língua portuguesa, é mais eficaz no desenvolvimento da competência comunicativa de nossos alunos.

Baseamo-nos nos estudos teóricos de vários autores, tais como: Marcos Bagno, Stella Bortoni-Ricardo e Sírio Possenti. Assim, sob a ótica da Sociolinguística, almejamos discutir a aplicabilidade de uma pedagogia culturalmente sensível nas escolas, mostrando que o respeito do professor, em relação à variação linguística dos alunos, proporciona uma aprendizagem significativa. Esta pesquisa foi desenvolvida de maneira qualitativa etnográfica em sala de aula, buscando compreender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto, sendo que, neste tipo de pesquisa, o observador não é um relator passivo, mas um agente ativo, uma vez que a sua capacidade de compreensão age fortemente na produção de seus próprios significados e interpretações.

DISCUSSÃO/RESULTADOS

Apesar dos diversos estudos e avanços a respeito da heterogeneidade linguística, ainda existe a necessidade, principalmente dentro das escolas, de reconhecer que a Língua Portuguesa é caracterizada por uma imensa diversidade de expressões e que ela está sujeita à variação e à mudança. Sem esse reconhecimento, as aulas de Português, nas escolas brasileiras, se limitam ao ensino de literatura e ao ensino da gramática normativa. Neste último caso, a função primordial autoatribuída se resume à correção do “português errado”, além do ensino de uma nomenclatura gramatical obsoleta e de uma análise linguística descontextualizada, sem nenhuma prática significativa do uso da língua.

Entretanto, contrapondo-se a esse ensino tradicional, existe uma nova proposta, chamada de pedagogia variação linguística, que, segundo Marcos Bagno (2007), leva em conta as recentes conquistas das ciências da linguagem mas também leva em conta as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida, considerando como legítimas e “corretas” todas as variedades linguísticas. Essa proposta também pode ser denominada como Sociolinguística Educacional, uma vez que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), assim deve ser denominado qualquer proposta e pesquisa sociolinguística que tenha como intuito melhorar a prática educacional, principalmente se esse aperfeiçoamento for voltado para o ensino de língua materna.

Ainda em relação à Sociolinguística Educacional, Bortoni-Ricardo e Freitas (2009, p. 278) elucidam que seu objetivo é construir novas metodologias que auxiliem o professor a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla, a expansão de sua competência comunicativa e a capacidade de desempenhar atividades escolares cotidianas.

Em seu livro *Nada na Língua é por acaso*, Bagno (2007) mostra a importância de uma educação linguística, cuja principal tarefa é levar o aluno a refletir a respeito de sua linguagem em relação às demais variedades, visto que a língua permite inúmeras possibilidades de uso. Travaglia (2003, p. 23) também nos alerta que é de fundamental importância essa educação linguística, para que a comunicação ocorra de maneira competente.

Uma educação linguística é necessária, importante e fundamental para as pessoas viverem bem em uma sociedade e na cultura que se veicula por uma língua e configura essa língua por meio de um trabalho sócio-histórico-ideológico que estabelece tanto os recursos da língua como as regularidades a serem usadas para comunicar quanto os significados/sentidos que cada recurso é capaz de pôr em jogo em uma interação comunicativa. (TRAVAGLIA, 2003, p. 23)

Segundo Marcos Bagno (2007) uma das propostas da pedagogia da variação é a da reeducação sociolinguística, na qual os professores devem aproveitar o tempo e o espaço que têm na escola para formar cidadãos conscientes das relações sociais que mantêm por intermédio da linguagem.

A reeducação sociolinguística é uma proposta de pedagogia da variação linguística que leva em conta as conquistas das ciências da linguagem, mas, também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida. Não é possível desprezar, em nome da ciência “pura”, as necessidades e os desejos (legítimos) dos falantes da língua. Mas também não é possível, em nome dessas necessidades e desejos, deixar as coisas como estão, dominadas por ideologia linguística autoritária e excludente. (BAGNO, 2007, p. 86)

Segundo o autor, esse trabalho de reeducação consiste em uma prática docente em que as manifestações linguísticas são reconhecidas e os alunos são ensinados a reconhecer que toda variedade da língua é plena e funcional, pois apesar de existirem variedades linguísticas mais prestigiadas que outras, as mudanças linguísticas não diminuem o potencial semiótico e a plenitude estrutural da língua (FARACO, 2007, p. 14). Além disso, o aluno deve ser conscientizado de que a língua pode ser utilizada como meio de promoção social, assim como pode ser uma forma de coação ou discriminação. Por isso é dever do professor promover o reconhecimento da diversidade linguística como uma riqueza de nossa cultura, ao mesmo tempo em que se garante o acesso desses alunos a outras formas de falar e de escrever, ampliando o seu repertório comunicativo.

É importante ressaltarmos que o professor não pode, para enriquecer o repertório linguístico do aluno, agir de maneira “desenfreada”, condenado a língua do aluno como errada, pois, como já mencionamos, toda variedade linguística é igualmente organizada e funcional. Resulta disto que o docente precisa fazer uso dos conhecimentos sociolinguísticos, advindos de pesquisas acadêmicas e científicas, para realizar uma análise criteriosa dos fenômenos de variação e de mudança linguística em sua sala de aula. Em seu artigo, Marcos Bagno acrescenta:

O profissional da educação tem que saber reconhecer os fenômenos linguísticos que ocorrem em sala de aula, reconhecer o perfil sociolinguístico de seus alunos para, junto com eles, empreender uma educação em língua materna que leve em conta o grande saber linguístico prévio dos aprendizes e que possibilite a ampliação incessante do seu repertório verbal e de sua competência comunicativa, na construção de relações sociais permeadas pela linguagem cada vez mais democráticas e não discriminadoras. (BAGNO, 2006, p. 8)

Partindo do princípio de que a prática pedagógica deve romper com meras e típicas atividades escolares, que se resumem a corrigir o “português errado” e ao processo de decorar

regras gramaticais obsoletas, sem nenhuma prática significativa do uso da língua, elaboramos uma sequência didática pautada em pressupostos sociolinguísticos, com o intuito de levantar dados que comprovem que a perspectiva de ensino da Pedagogia da Variação Linguística é mais eficaz no desenvolvimento da competência interacionista de nossos alunos, quando contraposta à educação tradicional.

Durante o desenvolvimento da sequência didática, nosso objetivo foi mostrar que a pedagogia da variação possibilita um conhecimento real do perfil sociolinguístico dos nossos alunos e, acima de tudo, mostrar que traçar este perfil possibilita a elaboração de um material estruturado e adequado, assim como permite intervenções pedagógicas coerentes e eficazes para o desenvolvimento de uma prática pedagógica coerente e competente no ensino de língua materna.

Ao ministrarmos a primeira aula, os alunos ficaram com um pouco de receio, pois eles estavam acostumados com a didática da professora regente. No entanto, com o decorrer das aulas, foi possível desenvolver normalmente o trabalho planejado e, atendendo as nossas expectativas, ficou evidenciado o interesse cada vez maior dos alunos pelas aulas. A participação efetiva da turma sinalizou uma aceitação favorável das atividades aplicadas em sala de aula.

É importante registrarmos que as atividades foram desenvolvidas pela pesquisadora, havendo a possibilidade de permanência da professora regente na sala de aula, com vistas a contribuição dela em alguma situação que lhe fosse interessante.

Sendo assim, houve um momento em que a professora regente chamou a atenção da turma para a importância de aprender a escrever uma Carta Argumentativa, para prestarem o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ao final do ano. Neste momento, um aluno disse que, então, não precisaria aprender pois ele não iria “prestar o ENEM”...

Vimos, neste caso, a oportunidade de tentarmos fazer com que os alunos refletissem sobre as razões de se ensinar a Língua Portuguesa, isto é, tentamos alertar para o fato de que não devemos estudar a nossa língua apenas para “acertar” exercícios e avaliações, ou para um simples cumprimento do programa escolar, mas sim pela questão da interação verbal e social mediada pela língua.

Durante as discussões em sala de aula, percebemos que a fala dos alunos trazia muita variação linguística e esse aspecto era aceito como algo natural pelos colegas. No entanto, quando essas variações foram manifestadas em textos escritos dos alunos, surgiram alguns comentários preconceituosos e até mesmos auto-preconceituosos como: “Quem escreveu esse texto é burro” e “*Nois naum* sabe escreve”.

Diante desses comentários, vimos a necessidade de nos posicionarmos criticamente frente a estas situações de preconceito linguístico, mostrando para os alunos que a escrita, assim como a fala, possui as suas variações linguísticas.

Quando propusemos a escrita de uma Carta Argumentativa, percebemos que muitos alunos, de início, rejeitaram essa atividade e alguns responderam enfaticamente que não gostam de escrever e optaram pelo não envolvimento nesta atividade de produção escrita. Fato que nos preocupou, visto que é por meio de produções textuais que os estudantes colocam em prática os saberes adquiridos durante o percurso da escolarização, no que tange à leitura e à escrita.

Conforme os depoimentos coletados, percebemos que esse momento de escrita parece ser muito doloroso para os alunos. O que notamos é que muitos alunos sentem dificuldades em escrever e, ao mesmo tempo, sentem-se intimidados no momento da produção escrita, a qual pode revelar muitas das suas limitações.

É importante mencionarmos que acreditamos que o ponto de partida essencial para conhecer as limitações dos alunos é a identificação das inadequações nos textos, para que possamos elaborar um trabalho direcionado, visando uma aprendizagem mais significativa. Deste modo, foi por meio de uma atividade coletiva e compartilhada entre a professora-pesquisadora e os alunos que identificamos e buscamos soluções para as inadequações linguísticas encontradas nos textos.

A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2005, p. 53) esclarece que a identificação dos “erros” nos textos dos alunos é fundamental para racionalizar e explicar as avaliações, atendendo áreas cruciais de incidência. Faz-se necessário deixarmos claro que a autora, assim como este trabalho, não aborda os erros como uma questão de “certo” e/ou “errado”, mas sim com uma questão de

“adequação” e/ou “inadequação”, sendo que estes últimos são, de todo modo, usos regulares e explicáveis cientificamente. É essa também a postura que adotamos na sala de aula.

Depois de identificadas as inadequações nos textos produzidos pelos alunos, tivemos a oportunidade de direcionar o trabalho, focando na minimização das ocorrências consideradas inadequadas. Assim, expusemos os problemas encontrados em atividades de correções coletivas, a fim de conscientizarmos os alunos de que a língua é uma realidade variável, que tem estreito vínculo com os usos que seus falantes fazem dela.

Nesse momento, questionamos qual o motivo de estarem sendo expostos alguns exemplos de inadequações no quadro e, por não estarem acostumados a essa metodologia, alguns alunos se pronunciaram dizendo que “era para mostrar que eles não sabiam escrever”. Isto preocupou-nos e levou-nos a explicar que aquela exposição não se tratava de uma crítica, mas sim de uma descrição, um mapeamento das dificuldades mais frequentes deles, para que juntos pudéssemos entender que a adequação ou a inadequação linguística depende das diferentes situações comunicativas.

É preciso reafirmar que o professor jamais pode usar o “erro” para denegrir, diminuir ou constranger o aluno na sala de aula, ou em qualquer outro ambiente. Pelo contrário, os chamados “erros” do aluno deve ser observados, mapeados e usados apenas com a intenção de produzir um trabalho mais direcionado.

Posteriormente a essa atividade de correção coletiva, pedimos a turma para que fizessem a reescrita dos textos, visto que é no momento de reescrita que o estudante tem a chance de refletir sobre a língua, observar se há coerência e coesão no desenvolvimento das ideias, rever as estruturas do texto e avaliar se o tema foi apresentado de modo satisfatório. O objetivo é que os estudantes tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos (PCNs, 1998, p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem questionado sobre o que está errado no ensino de língua portuguesa atual e o que é preciso fazer para que tenhamos um ensino mais produtivo. De fato, como afirma

Antunes (2003, p. 15), existe uma pedra no meio do caminho da aula de português. E, infelizmente, uma coisa tão maravilhosa como o ensino-aprendizagem da língua foi resumida à mera tradição escolar e a uma divisão improdutiva e estúpida em “certo” e “errado”.

Diante dessa situação fomos em busca de respostas plausíveis e eficientes que nos auxiliassem no desenvolvimento de um ensino-aprendizagem competente e produtivo da língua, ao invés daquele tradicional estudo do português, totalmente descontextualizado, fragmentado e estanque, fazendo parecer que se está ensinado outra coisa que não a nossa própria língua.

Assim, com base na Sociolinguística Educacional, buscamos, por meio da proposta de ensino da pedagogia da variação, uma prática pedagógica que conscientizasse os alunos sobre o papel da língua em suas vidas, de modo que eles possam desenvolver uma competência interacional e que sejam capazes de saber usar uma variedade ou outra, de acordo com as situações de interação.

Enfim, percebemos a importância da escola aceitar que o aluno já possui uma variedade linguística, característica de sua realidade e de sua comunidade, e que, mesmo se ele não tiver o domínio da chamada “norma culta”, uma idealização, isto não significa que ele “não sabe falar português corretamente”, uma vez que este indivíduo se comunica perfeitamente, ou seja, se faz entender por seus interlocutores, já que interage com outros indivíduos. Quando a escola adota essa visão de ensino, o aluno passa a se sentir valorizado, e não mais discriminado, pela forma como fala e este é o primeiro passo para um ensino-aprendizagem produtivo e justo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. *A norma oculta: Língua & Poder na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 31. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Norma Linguística, Hibridismo e Tradução*. Universidade de Brasília, 2012.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M.; FREITAS, V. A. de L. *Sociolinguística Educacional*. In: ABRALIN: 40 ANOS EM CENA. João Pessoa: Editora Universitária, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2000.

CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. [org]. *Manual de Linguística*. 1 ed. 3 reimpressão. São Paulo: contexto, 2010, p.141-155.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2012.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1° e 2° grau*. São Paulo: Cortez, 2003.